

Verbos cognitivos: estrutura e semântica

Eliete Figueira Batista da Silveira*

Introdução

Os estudos tradicionais acerca do período composto enfatizam as orações subordinadas desenvolvidas, abordando bastante superficialmente as reduzidas. Assim, ensina-se aos alunos predominantemente a classificação das primeiras estruturas, como se estas fossem as mais recorrentes na língua. Além disso, afirmam a possibilidade de conversão das orações de forma desenvolvida em orações de forma reduzida, ou mesmo em termos não-oracionais. Tal afirmativa não resiste a um simples teste, uma vez que alguns verbos cognitivos, por exemplo, sequer aceitam complementos não-oracionais e, mesmo os oracionais, têm sua gramaticalidade comprometida: *Eu não hesito em responder que ficou melhor* / **Eu não hesito em que (ela) responda que ficou melhor*.

Estudos de base funcionalista sobre a organização da frase em enunciados complexos demonstram que *coordenação* e *subordinação* não são processos discretos, mas um *continuum* que parte da subordinação à parataxe (subordinação – hipotaxe – parataxe). Essas estruturas estariam passando por um processo de gramaticalização, cujo grau máximo seria a subordinação, já que a completiva funciona como um constituinte da oração matriz. Em seguida, perdem estatuto oracional (dessentencialização), que se caracteriza pela perda dos conectores (preposição e/ou

* Docente da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

conjunção) e pela redução de orações (perda das marcas de tempo, aspecto e modo), resultando em um único estado de coisas.

Sob a ótica do Funcionalismo Americano e com o suporte metodológico da Sociolinguística Quantitativa, abordam-se os verbos cognitivos (incluídos entre os factivos) que selecionam completivas preposicionadas. Estas codificam atividade mental ou verbal, significando *aversão* ou *preferência*, atitude epistêmica de relativa certeza.

Com base nos critérios *forma do verbo* (pronominal, não-pronominal e dupla forma), *correferencialidade entre o sujeito da matriz e da completiva* e *tipo de complementação selecionada*, intenta-se apresentar as estruturas prototípicas e não prototípicas atinentes à categoria cognição.

Pretende-se observar: i) que estruturas de complementação podem ser selecionadas por verbos cognitivos. Estruturas finitas (desenvolvidas) e não-finitas (reduzidas)? Só finitas? Só não-finitas? ii) A seleção de uma ou outra estrutura está relacionada à significação do verbo cognitivo? Existiria uma forma verbal mais prototípica? iii) Estariam as completivas selecionadas por verbos cognitivos passando por um processo de gramaticalização? iv) No que concerne à produtividade, é o verbo cognitivo mais recorrente? v) Quantos itens verbais aparecem nessa categoria?

Sobre o corpus

No estudo das completivas relativas (tradicionalmente, objetivas indiretas) ligadas a verbos cognitivos, constituíram-se dois *corpora*: um oral e um escrito, a fim de alcançar o maior número de ocorrências de verbos cognitivos possível, nas variedades brasileira (PB), europeia (PE) e moçambicana (PM) em diferentes gêneros textuais.

Os dados que constituem os *corpora* orais foram selecionados de entrevistas dos Projetos APERJ – Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro (78 inquéritos) -, PEUL – Programa de Estudos do Uso da Linguagem (63 inquéritos) - e NURC – Norma Oral Urbana Culta da cidade do Rio de Janeiro (42 inquéritos) para o PB. Para o PE, recorreu-se a trinta e dois inquéritos do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo – CRPC, coletados em diferentes regiões de Portugal. No que tange ao PM, utilizaram-se oito depoimentos pertencentes ao Projeto Panorama do Português Oral de Maputo – PPPOM.

Da extensa coleta de dados, resultou um número relativamente baixo de ocorrências, com predomínio de completivas não-finitas,

confirmando a tendência à redução e à simplificação das estruturas na Língua Portuguesa (finita à não-finita). A investigação de todas essas fontes originou um *corpus* oral de 1.155 ocorrências:

Variedade	Nº de ocorrências
Brasileira	1070
Européia	27
Moçambicana	58
Total	1155

Tabela 1: Número de ocorrências no corpus oral por variedade do Português

Os *corpora* escritos constituíram-se de textos (editoriais, crônicas e redações) das três variedades do Português (PB, PE e PM), em um total de 130 ocorrências:

Gêneros de texto	Nº de ocorrências
Editorial (jornal/revista)	32
Crônica (jornal)	07
Redação de vestibular	09
Total	48

Tabela 2: Número de ocorrências por tipo de texto no corpus escrito brasileiro

Gêneros de texto	Nº de ocorrências
Crônica (Jornal/revista)	39
Editorial (Jornal/revista)	06
Total	45

Tabela 3: Número de ocorrências por tipo de texto no corpus escrito europeu

Gêneros de texto	Nº de ocorrências
Crônica (Jornal/revista)	33
Editorial (Jornal/revista)	04
Total	37

Tabela 4: Número de ocorrências por tipo de texto no corpus escrito moçambicano

Do total colhido nos *corpora* oral e escrito (1285), 1024 ocorrências pertencem à categoria cognição, podendo-se observar que, comparati-

vamente¹, é nessa categoria que figura o maior número de completivas na forma finita: 155 ocorrências na *corpus* oral, e 23, no escrito. Ainda assim, evidencia-se fortemente o processo de dessentencialização, já que se conta com 817 ocorrências de não-finitas.

Variável Forma da oração completiva	Modalidade				Manipulação				Cognição			
	oral		escrito		oral		escrito		oral		escrito	
	occ	%	occ	%	occ	%	occ	%	occ	%	occ	%
Feita	05	3%	02	4%	01	3%	0	0%	155	16%	23	44%
Não feita	137	97%	53	96%	37	97%	22	100%	317	84%	20	56%
Total parcial	146		55		38		22		472		52	
Total	201				60				1024			

Tabela 5 – Distribuição da variável Forma da oração completiva pelas três categorias verbais

Outra observação a ser feita consiste no número de formas verbais que pertencem a essa categoria. Embora sejam 1024 ocorrências, apenas 22 itens lexicais foram encontrados, o que leva à constatação de que há um número reduzido de verbos cognitivos funcionando na Língua Portuguesa, como sinaliza a tabela a seguir:

Verbo de cognição	Oral		Escrito	
	Feita	Não feita	Feita	Não feita
	Nº de occ.	Nº de occ.	Nº de occ.	Nº de occ.
1. Acordar	10	01	01	01
2. Aguardar			01	
3. Aguardar		03		
4. Assustar		01		
5. Conceder			01	
6. Conceder(-or)			03	
7. Considerar		01	05	
8. Conter	14	01	01	
9. Desconter	01			
10. Divergir			03	
11. Estudar		01		
12. Estudar(-or)		02		
13. Falhar		01		02
14. Cobrir	01			
15. Contar	36	164		17
16. Escutar				01
17. Ingerir				01
18. Ler	21	06	02	01
19. Oprimir		01		
20. Parar	03	34		03
21. Escutar		01		01
22. Visagiar				01
Total parcial	155	317	23	20
Total	472		52	

Tabela 6: Distribuição das ocorrências de verbos de cognição, segundo a forma da oração completiva – *corpora* oral e escrito

¹Analisaram-se também os verbos de modalidade e de manipulação que apresentam, respectivamente, 05 e 01 ocorrências de completivas na forma finita.

Estes verbos, quando não-pronominais, selecionam diferentes tipos de complementação, sendo analisados em grupos. Um primeiro grupo é o dos predicadores *arrepender*, *gabar*, *orgulhar* e *vangloriar*, que apenas selecionam complementação simples, com relação de objeto direto.

(2) O pregador *arrependeu* os fiéis pecadores. (D) (fazer ficar arrependido, fazer sentir pesar ou culpa)

Outro grupo é representado no *corpus* pelo verbo *aperceber*, cujo exemplo (3) evidencia a possibilidade de omissão do segundo complemento na forma *de* + nome designativo de provisão (Borba, 2002).

(3) a. O comando *apercebeu* a fortaleza de armas e munições. (D) (prover)
b. O comando *apercebeu* a fortaleza. (D) (prover)

Já o predicador *importar* representa o grupo de predicadores que pode selecionar complemento direto (4a), complemento direto e indireto apagável (4b), complemento expresso por nome abstrato ou oração com preposição apagável (4c) e (4d) ou, ainda, argumento externo oracional (4e) e (4f).

(4) a. A indústria *importou* matéria-prima (fazer vir de fora). (D)
b. A guerra *importava* grave dano ao país (causar). (D)
c. Este livro *importa* (em) dez libras (atingir certo preço). (D)
d. Viajar *importa* (em) gastar dinheiro (causar; produzir; originar). (D)
e. Não *importa* que ele seja louco (ter importância). (D)
f. Não *importa* ele ser louco. (D)

O predicador *envergonhar* seleciona complementação simples (5) e, ainda, argumento externo oracional (6).

(5) João *envergonhou* as moças. (D)

(6) a. *Envergonha-o* estar perto deles. (T)
b. *Envergonha-o* Maria estar perto deles. (T)
c. *Envergonha-o* que Maria esteja perto deles. (T)

Os predicadores de *cognição* podem apresentar os seguintes comportamentos: i) mudar de significado pela alteração da forma da completiva; ii) permanecer com o mesmo sentido, selecionando quer não-finita quer finita, tratando-se apenas de duas formas de codificar o mesmo significado, mas talvez com implicações de ordem pragmática; iii) selecionar completiva não-finita ou finita, mas apresentar regra de restrição quanto à correferencialidade; iv) selecionar apenas completiva não-finita.

Tanto (i) quanto (ii) não apresentam regra de restrição quanto à correferencialidade, tendo em vista que a completiva pode ser correferente ou não ao sujeito da cláusula matriz. Tal fato denota menor integração entre os eventos, dado que há maior independência sintática da completiva por possuir traços característicos de oracionalidade.

No primeiro grupo, encontram-se os verbos não-pronominais *acreditar*, *crer*, *entender* e *pensar*, quando selecionam completiva finita que codificam *juízo*, *opinião*, ou seja, indicam suposição. *Acreditar*, *crer* e *pensar* caracterizam-se por selecionarem complementação simples preposicionada (complemento relativo) e complementação complexa não preposicionada (complemento direto).

- (9) a. Eu *creio* (em) já não vigorar o regime de incapacidade (crer; confiar). (D)
 b. Eu *creio* até que presentemente já não vigora o regime digamos de incapacidade que vigorava nesse tempo (...) – PPOM (supor, julgar).
 c. Eu *creio* que [] não consiga fazer vigorar o regime de incapacidade (supor; julgar).
 d. Eles não *criam* em Cristo (crer; confiar). (D)

No segundo grupo, estão os predicadores *aprender*, *concordar*, *desconfiar*, *duvidar* e *falar*.

- (10) a. (...) *aprendi* inclusive a corrigir uma maionese – NURC - Português Brasileiro.
 b. *Aprendi* que [] corrijo uma maionese. (D)
 c. *Aprendi* que [*Maria*] corrige uma maionese. (D)

Acredita-se que a opção do falante na seleção de não-finita ou finita esteja relacionada ao grau de comprometimento que uma e outra forma espelham. A não-finita codifica eventos mais integrados e, portanto, cognitivamente mais comprometidos com o que está sendo

expresso na completiva. A finita codifica eventos menos integrados, logo, menos comprometidos com o que está veiculado na completiva. Daí se postular que o sentido condiciona a forma, uma vez que a intenção se apresenta também no tipo de completiva escolhida.

Cabe destacar, dentre os verbos não-pronominais, os itens *gostar* e *hesitar* que se distinguem dos demais. *Gostar* não seleciona completiva finita com sujeitos correferenciais, enquanto *hesitar* seleciona apenas completiva não-finita com sujeitos correferenciais. Tais características os aproximam do verbo de *modalidade*.

- (11) a. Eu não *gosto* de [] ficar gorda – NURC – INQ0328 – Mulher – Alimentação.
 b. * Eu *gosto* de [*Maria*] ficar gorda. (T)
 c. * Eu *gosto* de que [] fique gorda.
 d. Eu *gosto* de que [*ela*] fique gorda. (T)
- (12) a. Eu não *hesito* em responder que ficou melhor – Crônica (ficar indeciso).
 b. * Eu não *hesito* (em) que [*ela*] responda que ficou melhor.
 c. * Eu não *hesito* (em) que [] responda que tenha ficado melhor.
- (13) As mãos *hesitavam* (vacilar). (D)

Prototipicidade e escala de integração clausal

Por meio de consulta a dicionários⁵ (Fernandes, 1954; Borba, 2002; Luft, 2000), foi possível estabelecer as possíveis configurações admitidas pelos predicadores pertencentes à categoria *cognição*, bem como a sua construção prototípica. Verificou-se que há predicadores que selecionam a estrutura típica ou, ainda, podem selecionar outros tipos de complementação, afastando-se ou aproximando-se da configuração prototípica.

Tal fato demonstra que i) os verbos de uma mesma categoria não estão no mesmo *status*, mas apresentam diferentes graus de prototipicidade em relação à estrutura típica; ii) há traços comuns entre os verbos de uma categoria, ao mesmo tempo em que um membro pode não partilhar características; iii) um verbo pode conter diferentes significações, a depender da complementação que seleciona; iv) verbos que selecionam diferentes tipos de complementação podem manter

⁵ Cf. nota de rodapé 4.

traços semânticos comuns; v) as diferentes configurações podem revelar motivações de ordem cognitiva.

Cabe destacar que o fato de os predicadores selecionarem diferentes complementações e, por vezes, mudarem de significado fornece indícios de que a forma verbal não segue, necessariamente, um caminho de mudança unidirecional.

Os testes revelam que algumas construções parecem ter baixo grau de aceitabilidade, em função de sua produtividade ou, ainda, de valores semânticos pouco conhecidos (Cf. exemplos em 2.4).

A partir da verificação dos diferentes tipos de complementação que o predicador de cognição pode selecionar, estabeleceu-se a estrutura prototípica e, com isso, os verbos que ora se aproximam ora dela se afastam. À esquerda (A), está a forma [+ prototípica]; à direita (B), estão as diferentes complementações selecionadas pelo item verbal, ou seja, as completivas [- prototípicas].

Cabe observar que os verbos de *cognição* selecionam completivas menos integradas, pois, embora haja o predomínio de estruturas não-finitas, se verifica, no *corpus*, maior número de ocorrências finitas em relação às categorias *modalidade* e *manipulação*. A cláusula complemento tende a codificar um fato, um evento tido como verdadeiro. Para marcar, então, menor comprometimento com o que está expresso na completiva, utiliza-se a estratégia de apresentar enunciados mais longos.

A estrutura prototípica da categoria *cognição* é, então, completiva finita, com verbo no indicativo, preposição apagável e sujeitos não-correferenciais:

$$[\text{Matriz } (\text{SN}_1) \text{ V}_{(\text{pron})}] \text{ Prep } [\text{Comp}_{\text{fin}} [\text{SN}_2 \text{ V}_{\text{indic}} (\text{comp})]]$$

(14) Eu *gostaria* [*que ele estivesse com um terno*], uma gravata chique – NURC - Português Brasileiro.

(15) Eu *acredito* [*que (meu futuro) vai ser uma boa*], não é – PEUL – Português Brasileiro.

No *corpus*, encontram-se dois tipos de predicador de *cognição*: de dupla forma (pronominais/não-pronominais) e não-pronominais, cujos comportamentos serão descritos a seguir:

Os verbos de *cognição* na forma pronominal são representados no *corpus* pelos predicadores *aperceber-se*, *arrepender-se*, *convencer-se*, *conscientizar-se*, *envergonhar-se*, *gabar-se*, *importar-se*, *lembrar-se*, *orgulhar-se*, *recordar-se* e *vangloriar-se* (A)i.

A integração das completivas ligadas a predicadores dessa categoria manifesta-se pela possibilidade de selecionarem estrutura não-finita. Isso indicaria que os verbos tendem a codificar eventos mais integrados, o que parece estar acontecendo (B)ii.

O exame dos itens anteriores revela que o predicador de *cognição* não apresenta regras de restrição quanto à seleção de completiva finita ou não-finita, muito menos no que tange à correferencialidade dos sujeitos (Cf. (B)iii).

Alguns verbos admitem forma não-pronominal, construindo-se com complementação diversa e partilhando características entre si. Destaque-se que *arrepender*, *envergonhar*, *gabar*, *lembrar*, *importar*, *vangloriar*, *orgulhar* e *recordar* selecionam complementação direta - (B)v. Desses predicadores, *importar*, *lembrar* e *recordar* também articulam complemento relativo - (B)vii.

O predicador *importar* tem comportamento mais diversificado, uma vez que pode selecionar completiva finita com sujeito correferencial ou não - (B)viii, e partilhar com *envergonhar* a possibilidade de construir-se apenas com argumento externo oracional - (B)iv.

Observando as configurações anteriores, os verbos pronominais da categoria *cognição* são mais integrados se selecionam i) não-finita, ii) finita com verbo no subjuntivo, e iii) finita com verbo no indicativo.

Em função da característica inerente ao predicador de *cognição*, ou seja, não restrição à correferencialidade e à configuração da completiva (finita ou não-finita), propõe-se que as completivas ligadas a verbos de dupla forma tendem a ser mais integradas se apresentam restrição quanto ao modo do verbo da completiva. Assim, *arrepender-se*, *envergonhar-se*, *importar-se* e *orgulhar-se* - em (B)iii - admitem o verbo da completiva no subjuntivo, o que parece indicar um estágio mais avançado de integração dos eventos codificados entre as cláusulas.

[+ integrada [*importar-se* - *arrepender-se* - *envergonhar-se* - *orgulhar-se*]
[*aperceber-se* - *convencer-se* - *conscientizar-se* - *gabar-se* - *lembrar-se* - *recordar-se* - *vangloriar-se*] - integrada]

Os verbos de *cognição* na forma não-pronominal estão representados no *corpus* pelos predicadores *convencer*, *entender*, *aprender*, *concordar*,

desconfiar, duvidar, falar, gostar e hesitar (A)ii.

Os predicadores *entender, concordar, desconfiar* e *gostar* podem selecionar completiva preposicionada não-finita, com sujeito não-correferente ao sujeito da matriz – (B)x. Por sua vez, *entender, aprender, concordar* e *desconfiar* partilham a característica de selecionar completiva não-finita, com sujeito correferente ao sujeito da matriz – (B)xi. Já *aprender, concordar, desconfiar*, juntamente com *duvidar* e *falar* selecionam completiva finita com sujeito correferencial ao sujeito da matriz (B)xii.

Dos grupos analisados, *aprender* - (B)xii e *gostar* - (B)x destacam-se pelo fato de o primeiro selecionar completiva não-finita com sujeitos correferenciais, enquanto o segundo, completiva finita com sujeitos não-correferenciais.

No caso do verbo *convencer*, destaque-se a possibilidade de aproximar-se da estrutura prototípica na forma pronominal (A)i, mas dela se afastar, principalmente na configuração não-pronominal - (A)iv, aproximando-se da categoria *manipulação* – (B)ix.

Alguns desses verbos podem selecionar complementação direta (B)xiii; relativa – (B)xiv ou, ainda, não selecionar argumento interno – (B)xv. Deve-se, entretanto, ressaltar que *hesitar, entender* e *falar* só se interpretam como integrantes da categoria *cognição* com completiva na forma não-finita.

Por fim, a completiva encaixada a *hesitar* é a mais integrada dentre os verbos não-pronominais analisados. Isso porque só se constrói, mantendo a aceção cognitiva, com complementação não-finita – (A)iii.

Propõe-se, então, a seguinte escala de integração para os verbos não-pronominais que compõem o *corpus*:

[+ integrada [hesitar] [falar] [entender] [aprender] [gostar] [concordar – duvidar – desconfiar] [convencer] – integrada]

Devem-se observar em separado os verbos de atitude mental *acreditar, crer* e *pensar*, uma vez que foram consideradas para análise no *corpus*, em função da perspectiva de encontrarem-se ocorrências de completivas finitas preposicionadas, conforme registrado em Neves (2000, p. 349). A característica desses predicadores é selecionar complemento relativo, mas completiva com relação de objeto direto. Trata-se dos predicadores *acreditar, crer* e *pensar*, que codificam atitude mental, avaliação e julgamento por parte do falante.

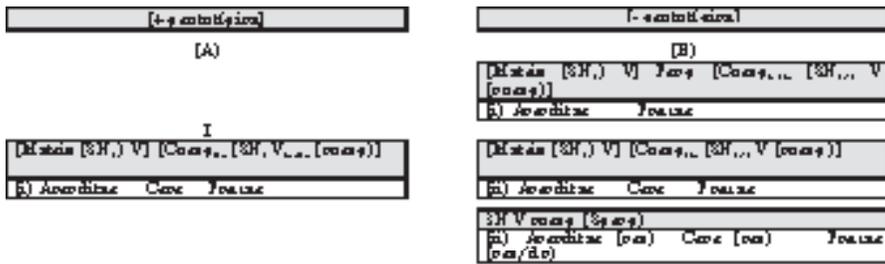


Figura 2: Prototipicidade dos verbos de atitude mental acreditar, crer e pensar

Os verbos em questão têm a propriedade comum de selecionar completiva quer não-finita quer finita, com sujeitos correferenciais ou não, semelhantemente aos predicadores de *cognição* na forma pronominal analisados. Dentre eles, no entanto, apenas *crer* não apresenta completiva não-finita preposicionada.

Em relação a esses predicadores, propõe-se a seguinte escala:

[+ integradora [pensar] [crer] [acreditar] – integradora]

Conclusão

Neste artigo, discutiu-se acerca das estruturas de complementação selecionadas por verbos cognitivos, identificando para cada item verbal sua possibilidade de seleção. Verificou-se que alguns itens mudam de significação a depender do tipo de complemento a ele encaixado. Comprovou-se, também, que os verbos pertencentes a essa categoria não possuem o mesmo *status*: há verbos mais e menos prototípicos. Ainda, os verbos dessa categoria encontram-se em um processo de gramaticalização, visto que há o predomínio de completivas reduzidas (dessentencialização). Por último, constatou-se que os verbos cognitivos são produtivos na língua, entretanto, são pouco numerosos (22 itens).

Assim, julga-se que este trabalho contribui para melhor caracterização e conhecimento das estruturas de período composto à disposição do falante e, conseqüentemente, da Língua Portuguesa, quaisquer que sejam as variedades sob análise, indo, por vezes, de encontro ao prescrito nas gramáticas tradicionais e pedagógicas.

Referências bibliográficas

BORBA, Francisco da S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. 12. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1954.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 2000.

NEVES, M. H. M. *Construções encaixadas: considerações básicas*. In: II Congresso Nacional da Abralín [CD ROM] (simpósios/Processo de junção, p. 1857-82), 2000a. Disponível em: <http://sw.npd.ufc.br/abralin/an>. Acesso em: 15 de julho de 2002.

Resumo

Esta pesquisa focalizou a integração de completivas preposicionadas ligadas a verbo de cognição, em três variedades do Português. Os objetivos são verificar: a possibilidade de o predicador da matriz selecionar completivas finitas, não-finitas ou ambas as estruturas; a estrutura completiva prototípica relativa à categoria dos verbos cognitivos, assim como aquelas que se afastam desse modelo. Utilizaram-se os princípios do Funcionalismo Americano e o instrumental metodológico da Sociolinguística laboviana.

Palavras-chave: verbos cognitivos; prototipabilidade; integração clausal.

Abstract

This study aims to research the integration of the propositioned complete sentences linked by cognitive verbs, in three varieties of the Portuguese Language. The objectives are to verify: the possibility of the predicator of the main clause select finite complete, non-finite or both structures; the prototypical complete structure related to the cognitive verbs and those that are far from that model; the possibility of semantic and cognitive order differences on the selection of different kinds of complementation. The principles that were used in this study are the American Functionalism and the methodological tools of the labovian Sociolinguistics.

Keywords: cognitive verbs; prototypability; integration of clauses.